

# DA LINGUÍSTICA SAUSSURIANA À ANÁLISE DO DISCURSO: ALGUNS DESLOCAMENTOS

Demóstenes Dantas Vieira<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho, de cunho bibliográfico, visa analisar a origem da Análise do Discurso e alguns deslocamentos teóricos com relação à Linguística Saussuriana. Para tanto, propomos a discussão acerca das bases epistemológicas da AD com base no entremeio de questões inerentes à Linguística Estruturalista (Saussure), à Psicanálise (Freud/Lacan) e ao Marxismo (Marx/Althusser). Tais questões trazem à baila a noção de língua e linguagem, de sujeito, de discurso e de produção de sentidos que discutiremos no desenvolvimento do trabalho. Como aporte teórico, ressaltamos as contribuições de Pêcheux (1997), Althusser (1990), Orlandi (2002; 2005), Indursky (2008), Benveniste (2005), dentre outros. Os resultados apontam para a construção de uma Teoria do Discurso que contribui para a compreensão dos processos constitutivos da língua em uso e, portanto, da constituição do sujeito e da produção de sentidos.

**Palavras-chave:** linguística saussuriana, análise do discurso, deslocamentos teóricos.

## Considerações iniciais

Este trabalho, de caráter bibliográfico, propõe a análise de alguns deslocamentos teóricos promovidos pela Análise do Discurso<sup>2</sup> com relação à Linguística Saussuriana. Nessas reflexões, realizamos uma visita ao *Curso de Linguística Geral*, mais especificamente às noções de língua e linguagem, a dicotomia *langue/parole* e a noção de valor (aqui colocada para refletirmos sobre sentido e enunciação).

Em vista disso, propomos entender como a AD, pensada aqui a linha pecheutiana, inaugura alguns deslocamentos teóricos com relação às categorias citadas e,

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE); Mestre em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), *Campus Macau*, onde atua com as disciplinas de Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Texto Acadêmico e Metodologia Científica, no Ensino Básico, no Ensino Superior e na Pós-Graduação. E-mail: demostenes.vieira@ifrn.edu.br.

<sup>2</sup> Doravante AD.

evidentemente, com relação ao corte saussuriano e aos estudos da linguagem. Para tanto, nosso trabalho está dividido em três partes. Na primeira, faremos uma breve genealogia da Linguística Estruturalista; na segunda, apresentamos as bases epistemológicas da AD (baseada no marxismo althusseriano, na psicanálise lacaniana e na linguística saussuriana); a terceira, por sua vez, congrega as reflexões sobre língua, linguagem, *langue/parole*, sentido e enunciação, do estruturalismo à AD.

### **Os estudos da linguagem e a *Linguística Saussuriana*.**

O estudo da linguagem humana tem se constituído como uma área bastante profícua, despertando o interesse de diversos saberes, desde a Filosofia, a Religião, o Mito, a Magia, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a Semiologia e a Ciência da Linguagem – doravante, Linguística, que aqui nos interessa em particular. Evidentemente, cada um desses saberes aborda a linguagem sob uma perspectiva distinta, embora, às vezes, pareçam entrelaçadas e de difícil separação epistemológica com relação ao seu objeto de estudo. Diante disso, este tópico apresenta uma reflexão sobre a construção da Linguística como Ciência, qual o seu objeto de estudo e em que se difere a Linguística das demais Ciências no que concerne ao estudo da linguagem.

Embora a Linguística como Ciência tenha se configurado apenas com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, é notória toda uma influência da filosofia clássica até mesmo nas dicotomias saussurianas que nos remetem a uma discussão acerca da “correção dos nomes” e das posições, aparentemente antagônicas, de natureza (*phýsis*) e convenção (*nómos/ thései*), ou seja, se a linguagem é um sistema de signos arbitrários ou se existe uma relação natural e intrínseca das palavras com aquilo que elas atribuem sentido (ROBINS, 1979).

Com relação à genealogia da linguística, Mattoso Câmara (1975) organiza os estudos acerca da linguagem em quatro categorias: os estudos *paralinguísticos*, *pré-linguísticos*, *históricos* e *descritivos*. Os estudos paralinguísticos referem-se àqueles que se centram nas reflexões de cunho filosófico, ou seja, que se baseiam em uma reflexão sobre a lógica e a linguagem, estudos de caráter extremamente epistêmico, embora não experimental como o conhecimento científico. Já estudos pré-linguísticos situam-se na reflexão e distinção entre o falar e escrever corretamente, o certo e o errado, língua de

prestígio e línguas marginalizadas, como outrora foram as línguas vernáculas com relação ao Latim. Esses estudos predominaram na latinidade e concentram esforços para a conservação de traços linguísticos, dando origem às gramáticas que, por sua vez, possuem papel importante na conservação do patrimônio linguístico, evitando o seu desaparecimento.

Os estudos históricos e descritivos, por sua vez, são considerados por Câmara Jr. (1975, p. 12) “o âmago da ciência da linguagem”, embora só tenham se constituído como ciência, propriamente dita, após a publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916. Entretanto, é interessante fazermos uma ressalva. Segundo escreve Coseriu (1980), há um equívoco em se considerar a Linguística Moderna como inovadora, no sentido restrito e revolucionário da palavra, tendo em vista que o que acontece em Saussure é uma abstração de diversos conceitos e estudos que o antecederam, como a Filosofia Clássica, os estudos histórico-comparativos, a *Gramática de Port-Royal* etc.

Com relação a essa questão, Coseriu (1980) levanta alguns conceitos e discussões comumente atribuídos como invenções/criações de Saussure. Primeiro, ele destaca a distinção entre significado e significante que já estavam presentes, embora de forma menos elaborada, nas reflexões de Aristóteles sobre “o que está na voz e o que está na alma” e que também estava explícito nas reflexões estoicas (COSERIU, 1980, p. 4). Destaca também as noções de sincronia e diacronia ligadas às reflexões de Harris (séc. XVIII) e de Gabelentz e Dittrich (séc. XIX). Por fim, o autor traz à tona a reflexão sobre a dicotomia *langue/parole*, que segundo ele foi explicitamente tratada por Hegel ao discutir “o falar e seu sistema, a língua” e Gabelentz o “falar” e a “faculdade da linguagem” (COSERIU, 1980, p. 07). Da mesma forma, ele cita a noção de arbitrariedade que tem origem na tradição escolástica, de Boécio à tradição moderna.

Chegando a Saussure, o que temos a apresentar? Inicialmente, Saussure estava ligado ao grupo de neogramáticos, era especialista em estudos comparados, mais especificamente, das línguas indo-europeias. O seu maior legado é a elaboração de um método científico que deu origem ao Estruturalismo Linguístico. Por esse motivo, a Linguística é considerada como “ciência piloto”, pois influenciou diversas outras ciências sociais/humanas a adotarem o paradigma estruturalista, tais como a Antropologia, a Sociologia, a Teoria Literária, etc. (CYRANKA, 2014). O que fica evidente é que o corte saussuriano (pensando aqui o seu objeto de estudo, a *langue*) e a tomada da estrutura (do

sistema) como ponto de partida dos estudos da linguagem (o método), possibilitou o estabelecimento da Linguística como ciência, trazendo à baila um novo paradigma científico: o estruturalismo.

O maior legado deixado por Saussure é principalmente metodológico, embora não possamos negar a sua capacidade de abstração e (re)elaboração de toda uma teoria linguística que o antecedeu. Saussure se opõe à visão tradicional de Hermann Paul, segundo a qual a abordagem histórica seria a mais adequada para os estudos acerca da linguagem. Saussure (2006) propõe que a língua é um sistema relativamente autônomo, regido por regras de funcionamento e aproxima-se do paradigma científico moderno (até certo ponto determinista), ao considerar que a língua deve ser analisada isoladamente, excluindo-se as influências externas e, por assim dizer, a fala (*parole*).

Desse modo, Saussure vai delineando o que seria o objeto da Linguística, que seria constituído pela língua (*langue*), visto que ela é, a princípio, invariável. Evidentemente, o entendimento sobre o que venha a ser o objeto de estudo da Linguística e mesmo o que venha a ser a língua vai se modificando com o decorrer dos estudos que o sucederam, tais como o funcionalismo, gerativismo, estudos do discurso etc. Em especial, discutiremos a seguir a importância da Análise do Discurso e alguns de seus deslocamentos com relação à Linguística Estruturalista.

### **A origem da AD e o teatro da consciência**

Embora diversos filósofos e pesquisadores tenham contribuído para os Estudos do Discurso, é somente na década de 60, com os estudos de Michel Pêcheux, que a Análise do Discurso se consolida como uma disciplina, constituindo-se a partir de questões de três áreas de conhecimento: da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise. Logo, é comum entre os pesquisadores a aceção de que a AD se configura como uma *disciplina de entremeio* (ORLANDI, 2005), tendo se constituído a partir de uma episteme entre diferentes áreas do conhecimento.

A proposta teórico-epistemológica de Pêcheux (1997a) é perpassada por uma *teoria não-subjetiva da subjetividade*, evidentemente, de base psicanalítica. Conforme Pêcheux e Fuchs (1997b, p.163), essa articulação dá-se da seguinte forma:

1. o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
2. a linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
3. a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.

Articulando essas três áreas de conhecimento, Pêcheux dá início não só há uma nova abordagem aos estudos da linguagem, mas também a uma nova concepção de ideologia, principalmente no que concerne a um espaço intervalar entre linguagem, ideologia e sujeito.

Nesse sentido, a AD surge em oposição às concepções de ideologia recorrente nas Ciências Sociais e de língua/linguagem na Linguística, concepções predominantes em seu tempo. Nesse contexto, Pêcheux formula a *Análise Automática do Discurso* (1997a) propondo uma análise que se contrapõe a uma ciência da linguagem centrada no abismo entre a estrutura e o sujeito, entre práticas de linguagem e prática política. Para ele, a transparência da linguagem é um mito, sendo necessário investigarmos as ideologias que perpassam as práticas linguísticas, o próprio sujeito e as redes de interação social. Tratava-se, portanto, de estabelecer a relação entre língua, ideologia e sujeito. Para tanto, postula-se um novo objeto de estudo, o discurso. Nesse sentido, o discurso apresenta-se como “objeto sócio-histórico em que o linguístico intervém como pressuposto” (ORLANDI, 2005, p. 15-16). Desse modo, pode-se dizer que o discurso materializa-se na língua, enquanto ideologia no discurso. Ideologia que na AD apresenta-se nas redes de configurações sociais constituídas pelos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), que, por sua vez, interferem diretamente nos processos de formação discursiva. Aparelhos Ideológicos assim discriminados:

- O AIE religioso (o sistema das diferentes Igrejas);
- O AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares),
- O AIE familiar;
- O AIE jurídico;
- O AIE político (o sistema político de que fazem parte os diferentes partidos);
- O AIE sindical;
- O AIE da informação (imprensa, rádio, televisão, etc.);

- O AIE cultural (Letras, Belas Artes, desportos, etc.).  
(ALTHUSSER, 1990, p. 43-44)

Esses Aparelhos assumem papel importante na constituição do sujeito e, portanto, das práticas discursivas, tendo em vista que elas o interpelam em sujeito, não podendo existir Orlandi (2002, p.17), “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”.

Nesse sentido, as noções de assujeitamento e interpelação nos levam a uma concepção de análise em que o interesse na região do materialismo histórico “é a da superestrutura ideológica em sua ligação com o modo de produção que domina a formação social considerada” (PÊCHEUX, 1997b, p. 165). Pêcheux nos leva ao entendimento de que a superestrutura ideológica não é somente expressão da base econômica, embora esteja interpelada por ela. Desse modo, “a região da ideologia deve ser caracterizada por uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica” (PÊCHEUX, 1997b, p. 165).

Já tendo apresentado as contribuições do marxismo, vale fazer algumas considerações sobre como a psicanálise subsidiou a formulação de uma *teoria não subjetiva da subjetividade*. Na obra *Semântica e Discurso* (1995, p. 133), Pêcheux retoma Lacan nas assertivas sobre o inconsciente, no sentido de que “o inconsciente é o discurso do Outro”. Nesse sentido, “o sujeito só é sujeito por seu assujeitamento ao campo do Outro, o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo” (PÊCHEUX, 1995, p. 183). A AD traz à baila, portanto, uma noção de sujeito que não é o ponto de partida do que se diz, um sujeito descentrado de controle, pois ele é duplamente afetado/interpelado, pelo inconsciente e pela ideologia. Entretanto, vale salientar que essa interpelação se instaura sem que ele (o sujeito) tome consciência disso. Nesse sentido, as práticas discursivas acontecem sob a ilusão de que o sujeito é a origem daquilo que diz e que ele “domina perfeitamente o que tem a dizer” (INDURSKY, 2008, p. 11).

Por conseguinte, a AD se coloca em ruptura com alguns fundamentos da linguística estruturalista, ressignificando-os, a princípio com o próprio corte saussuriano, com a noção de linguagem e, evidentemente, com a noção de sujeito, elementos que discutiremos no tópico seguinte.

### **Sobre as noções de língua, linguagem e enunciação**

Pode-se dizer que a AD apresenta-se como uma “disciplina de entremeio”, pois parte de uma discussão interdisciplinar acerca da língua em uso, dos elementos extralinguísticos, do contexto histórico, sócio, político e cultural que perpassa a posição do sujeito que fala (ORLANDI, 2005, p. 76).

A partir da AD, de linha pecheutiana, pensando também as contribuições de Benveniste, propomos um questionamento sobre a concepção de linguagem defendida por Saussure. No *Curso de Linguística Geral*, Saussure (2006) elabora uma distinção entre língua e linguagem, propondo a partir dela um recorte metodológico e o objeto de estudo da linguística. Na perspectiva saussuriana, língua

não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela [...]. É ao, mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos [...]. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita [...] ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social: não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 2006, p. 17)

Nesse sentido, a língua é uma parte específica da linguagem, sendo ao mesmo tempo produto e convenções adotadas pelo corpo social que permitem o exercício da linguagem, entendida por Saussure como uma faculdade humana. A linguagem é compreendida, portanto, como capacidade de comunicação. Além disso, Saussure enfatiza o caráter heteróclito, tendo em vista que não seria possível classificarmos a linguagem com características permanentes, tendo em vista que a linguagem está sempre em transformação, sempre sendo “recriada”.

Uma concepção de linguagem criada ou recriada pelo homem nos remete a uma instrumentalização da linguagem, criada pelo homem para a comunicação. Sobre essa questão, Benveniste (2005) escreve que essa concepção parte da divisão homem/natureza, como se o homem (ser completo) tivesse criado a linguagem para a comunicação, da mesma forma que cria racionalmente uma faca, uma flecha etc. Entretanto, não se concebe pensar o homem separado da linguagem, o homem não pode simplesmente ter criado a linguagem para a comunicação, porque o homem, como nós o conhecemos, se constituiu homem através da linguagem. Nesse sentido, “falar de instrumento é pôr em

oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou [...]. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a” (BENVENISTE, 2005, p. 285). Por conseguinte, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (idem, 2005, p. 286).

Pensando nisso, a separação entre língua/linguagem e condição humana é contestável, pois tal concepção desconsidera alguns aspectos constitutivos da linguagem – que não se restringem à comunicação. Aspectos que constituem o homem como sujeito social, histórico, político e cultural, desconsiderando a linguagem como elemento constitutivo da formação psíquica do sujeito.

Com relação à semântica e a enunciação, pode-se dizer que o corte saussuriano limitou o sentido ao próprio sistema. Para Saussure (2006) o sentido do signo subjaz à noção de valor. Para ele, o sentido do signo se constrói a partir da negação de um outro signo dentro da própria estrutura da língua. Dessa forma, o valor semântico de um signo se dá somente a partir da negação de outro que não é (SAUSSURE, 2006). Nesse sentido, a “noção de valor” se sobrepõe/antecede à noção de significação, por esse motivo o estruturalismo saussuriano restringiu a significação ao próprio sistema, e deu à enunciação espaço limitado, visto que a significação foi desassociada do mundo, das situações reais de uso da língua, com interlocutores reais, em situações concretas de comunicação.

Benveniste (2005) postula uma *Teoria da Enunciação* que traz à baila a relação do signo com o *eu, o aqui, e agora*, ou seja, da língua na relação com o sujeito que fala, do contexto comunicativo e do espaço temporal em que se fala. Para Benveniste, a significação perpassa os elementos extralinguísticos que constroem o processo de enunciação, como um ato de produzir enunciados, entendidos por ele como a materialidade linguística, enquanto a enunciação é compreendida como processo de construção de enunciados no qual está centrado o sujeito, que fala o que, onde, quando e para quem. Nesse sentido, pode-se dizer que os dêiticos de Benveniste possibilitaram a construção de uma ruptura com relação ao processo de significação ligado somente ao interior do próprio sistema, conforme postulou Saussure. Para Benveniste a língua deve ser tratada como “possibilidade de língua”, o que nos remete à língua em uso e aos

elementos extralinguísticos. Benveniste traz à baila o sujeito no centro da reflexão da linguagem e coloca o “sujeito que fala na sua própria fala”.

Pensando a Teoria da Enunciação, Pêcheux (1997b) escreve que em Benveniste faltava *uma teoria não subjetiva da subjetividade*, pois o sujeito não é a origem daquilo que diz, tendo em vista que ele (o sujeito) é duplamente afetado, pelo inconsciente e pela ideologia. Nesse sentido, a AD contribui para o aprofundamento dos elementos que constituem o processo enunciativo.

Dessa forma, a AD se coloca em ruptura com a noção formalista de língua, evidentemente expandido seu entendimento. Conforme escreve Orlandi (2005, p. 76),

A Análise de Discurso que pratico leva a sério a afirmação de Saussure de que a língua é fato social. Pensamos a língua como fato e significamos o que é social, ligando a língua e a exterioridade, a língua e a ideologia, a ideologia e o inconsciente. Outro deslocamento importante, este face à dicotomia língua/fala, produz um deslizamento para a relação não dicotômica língua e discurso.

Dessa forma a AD desliza e/ou expande o objeto de estudo da Linguística, trazendo à baila a importância da enunciação e, portanto, dos elementos extralinguísticos, embora também ressignifique o modelo elaborado por Benveniste – emissor, código, e receptor – embora, na AD, não possamos falar da comunicação como um modelo tão fechado assim. Nesse sentido, a enunciação para a AD extrapola os limites de uma concepção de linguagem como instrumento de comunicação (concepção saussuriana) e/ou como expressão de pensamento (concepção clássica também presente em Benveniste). A AD desloca a noção de sentido único e traz à baila o discurso como “efeitos de sentido”, tendo em vista a concepção de sujeito dividido, interpelado por outros discursos e, conseqüentemente, de um sujeito que ocupa posições sócio-históricas diferentes, podendo, portanto, produzir sentidos diferentes com o mesmo enunciado.

Embora Benveniste, com a Teoria da Enunciação, tenha contribuído bastante para o entendimento da língua em uso e para a construção do entendimento de discurso, é somente com Pêcheux que o discurso se constituirá como objeto de análise da Linguística.

Ao escrever sobre o discurso como “efeitos de sentido”, Pêcheux (1997a) traz à tona a construção de uma “teoria não subjetiva da constituição do sujeito para pensarmos não um sujeito que é origem daquilo que diz, mas um sujeito perpassado por outros, por outras vozes, outros discursos que o constituem, por esse motivo uma teoria não tão

subjetiva da constituição do sujeito. Lembremos que Benveniste critica a concepção de linguagem de Saussure como instrumento de comunicação e postula uma teoria ligada à linguagem como expressão do pensamento. Para ele, a enunciação se dá somente na relação eu-outro, sendo o sujeito aquele que transmite o que pensa a um interlocutor. Nesse sentido, a teoria de Benveniste está ligada ao sujeito da razão, ao sujeito que está no controle daquilo que diz. Entretanto,

Se definimos a enunciação como a relação sempre necessariamente presente do sujeito enunciador como o seu enunciado, então aparece claramente, no próprio nível da língua, uma nova forma de ilusão segundo a qual o sujeito se encontra na fonte do sentido ou se identifica à fonte do sentido” (PÊCHEUX 1997c, p. 174).

Para Pêcheux, o processo de enunciação não se dá de forma tão objetiva – pensando aqui o modelo de Benveniste e também de Jakobson. Para ele o sujeito não está no controle daquilo que diz, ele é um sujeito “descentrado de controle”, a princípio, porque ele não é a origem daquilo que diz, tendo em vista que sua visão de mundo, seus posicionamentos, são interpelados ideologicamente, perpassados por discursos de outros sujeitos que o constituem. Dessa forma,

os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes. [...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (PÊCHEUX, 1997a, p. 214).

Dessa forma, Pêcheux formula algumas considerações sobre o discurso e o processo de enunciação que não se restringe somente aos dêiticos (*eu, aqui e agora*) e aos interlocutores, mas também a outros sujeitos que não estão (necessariamente, fisicamente) presentes no processo de enunciação. Por isso, o sujeito deve ser entendido como um sujeito dividido, um sujeito formado pelo inconsciente, pelo outro, conforme escreve Lacan.

Vale salientar também que Pêcheux se opõe à noção de unicidade do enunciado, conforme pensou Benveniste. Para ele, não se deve falar de unicidade do sujeito e, portanto, não se deve pensar o enunciado cartesianamente, pois ele nos remete a diversas

vozes, efeitos e sentidos que perpassam o processo de produção. Dessa forma, o discurso deve ser entendido a partir das múltiplas vozes que perpassam a voz do sujeito, evidentemente, um sujeito social.

Conseqüentemente, a AD apresenta-se através de alguns deslocamentos teóricos com relação à Linguística Saussuriana, trazendo à tona algumas discussões importantes: primeiramente, uma reflexão sobre dicotomia *langue/parole*, em que a língua é social e a fala individual; uma discussão sobre língua, linguagem e enunciação e, principalmente, com relação ao sujeito, colocando-o no centro da discussão acerca da língua, no caso, da língua em uso. As contribuições de Pêcheux subsidiaram as bases para uma ruptura com o estruturalismo linguístico, ampliando o objeto de estudo recortado por Saussure, postulando um objeto de estudo que é específico da AD: o discurso; entendido, aqui, como “efeitos de sentido”.

### **Considerações finais**

Este trabalho propôs a análise dos deslocamentos da AD com relação à Linguística Estruturalista, o que nos remete a um lugar de entremeio no qual ela se coloca, através do qual retoma o marxismo althusseriano, a psicanálise lacaniana e a linguística saussuriana. Nesse sentido, a AD traz à baila alguns fundamentos do *Curso de Linguística Geral* deslocando-os, evidentemente com o objetivo de compreender a relação língua e linguagem, ideologia e sujeito, semântica e enunciação.

Por conseguinte, a AD questiona a concepção de linguagem apenas como expressão de pensamento e/ou como instrumento de comunicação, postulando uma concepção de linguagem como uma prática social em que o sentido não se restringe ao código, nem tampouco ao sujeito *emissor* (como pensado por Benveniste). A AD traz à tona os elementos extralinguísticos, portanto, contextuais e os diversos processos ideológicos que constituem o falar do sujeito, compreendido aqui, não como aquele que é a origem do que diz, mas como sujeito social atravessado por diversos discursos que o constituem no “teatro” da consciência.

Dessarte, pode-se dizer que a AD pecheutiana escavou processos linguísticos outrora ignorados pelos estudiosos da linguagem, descrevendo não apenas o funcionamento estrutural da *língua* (pensada no sentido saussuriano), mas o

funcionamento da língua em uso, da relação entre a materialidade linguística e os processos históricos, políticos e culturais.

Nessa perspectiva, os deslocamentos aqui analisados vão numa direção em que a língua/linguagem não pode ser concebida apenas como código que se presta como instrumento para a transmissão de saberes entre interlocutores, a saber, um modelo de comunicação em situações ideais, como locutores também ideais. Posto isso, os processos comunicativos manifestam-se a partir da impossibilidade de existência de um sentido único e literal. No lugar do modelo de língua como código de transmissão, a AD apresenta uma proposta que se configura a partir de objeto que não é a língua, nem a ideologia, nem a história, mas o discurso, entendido aqui como uma cadeia de “efeitos de sentido” que se inscreve na língua, atravessando a constituição psíquica do sujeito que fala, suas formações sociais e ideológicas e, portanto, sua historicidade.

Por fim, a AD se coloca na ruptura com a noção unívoca de sujeito e questiona a origem do que se diz, não sendo ele (o sujeito) o ponto de partida dos enunciados, estando, portanto, atravessado por diversos discursos que constituem o seu dizer e, portanto, as formações sociais e ideológicas no qual o tal sujeito se insere. Nisso, adentramos na importância do materialismo histórico, que nos fornece o entendimento da língua como um campo material em que se inscrevem práticas sociais historicizadas, afetadas não apenas no âmbito da estrutura (do código), que não é só do âmbito da língua (aqui pensada no sentido saussuriano), mas como uma cadeia de significados, de “efeitos de sentido” produzidos historicamente.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*: notas para uma investigação. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

BAKHTIN, M./VOLOSHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História da Linguística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

COSERIU, Eugênio. Premissas históricas da Linguística Moderna. In: COSERIU, E. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COURTINE, Jean-Jacques. *Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso*. Tradução de Flávia Clemente de Souza e Márcio Lázaro Almeida da Silva. Revista Policromias, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 5-22, jun. 2016. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/4090-9003-1-SM.pdf. Acesso em 11 abr. de 2017.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. *Evolução dos Estudos Linguísticos*. Revista *Práticas de Linguagem*, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 160-198, jul/dez. 2014. Disponível em: <http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/09/160-198-Evolu%C3%A7%C3%A3o-dos-estudos-lingu%C3%ADsticos.pdf>. Acesso em 11 abr. de 2017.

INDURSKY, F. *Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso*. In: MITTMANN, S.; CAZARIN, E.; GRIGOLETTO, E. (org.). *Práticas discursivas e identitárias - Sujeito e língua*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

OLIVEIRA, Luciano Amaral (org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ORLANDI, Eni. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (org.). *Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 75-88.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. e HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução às obras de Michel Pêcheux*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997a.

PÊCHEUX, M. Análise do discurso: três épocas. In: GADET, F. & HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S Mariani et al. 2. ed., Campinas: UNICAMP, 1997c.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. *A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas*. Tradução Bethania S. Mariani et al. 2. ed., Campinas, SP: UNICAMP, 1997b.

ROBINS, R.H. *Pequena História da Lingüística*. Tradução Luiz M. M. de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

## **FROM SAUSSURIAN LINGUISTICS TO DISCOURSE ANALYSIS: SOME DISPLACEMENTS**

### **ABSTRACT**

This work, bibliographic oriented, aims to analyze the origin of discourse analysis and some theoretical shifts regarding Saussurian Linguistics. To this end, we propose the discussion of the epistemological bases of the AD that appears in the inset of issues inherent in Structuralist Linguistics (Saussure), to psychoanalysis (Freud/Lacan) and Marxism (Marx/Althusser). Such questions brings up the notion of language and language, subject, of speech and sense that we will discuss the development of the work. As theoretical contribution, we emphasize the contribution of Pêcheux (1997), Althusser (1990), Orlandi (2002/2005), Indursky (2008), Benveniste (2005), among others. The results point to the construction of a theory of discourse which contributes to the understanding of the processes constituting the language in use and, therefore, of the Constitution of the subject and the production of meaning.

**Keywords:** saussurian linguistic, discourse analysis, theoretical shifts.

Recebido em 24/12/2018

Aprovado em 20/03/2019